

CRIAMUS – práticas e experiências musicais: breve relato

Comunicação

Thaynara Lima Lessing
Universidade Federal de Santa Maria
thaynaralessing@gmail.com

Beatrís Schmidt Faraco Mengarda
Universidade Federal de Santa Maria
beamengarda@outlook.com

Daffny Cristina Molina Lemes
Universidade Federal de Santa Maria
daffnylemes@gmail.com

Resumo: Este trabalho consiste em um relato de experiência que busca compreender a oficina como um espaço de formação musical, considerando o grupo como um dispositivo fomentador da partilha de experiências e saberes. De maneira específica, pretendemos refletir sobre as ações desenvolvidas na oficina intitulada: “CRIAMUS: práticas e experiências musicais”, fundamentando-nos nos momentos de prática como espaços formativos, tanto para os participantes, quanto para as professoras ministrantes. Partilhamos, assim, as experiências e percepções acerca dessas vivências. Como resultados, entendemos que as experiências práticas proporcionam uma compreensão teórica mais aprofundada, reforçando a importância da Música no contexto escolar, tendo como base os sentimentos resultantes das próprias experiências.

Palavras-chave: Oficina. Formação. Educação Musical.

Introdução

As oficinas formativas têm se destacado como importantes dispositivos no campo da Música - Educação Musical, contribuindo na construção de conhecimentos a partir das experiências vividas. A formação por meio de oficinas potencializa vivências espontâneas que complementam o currículo formal, enriquecendo-o a partir do desenvolvimento de habilidades pedagógico-musicais de maneira significativa.

Estes espaços proporcionam um ambiente propício para a construção e expansão de conhecimentos pedagógico-musicais, incentivando a troca de experiências e a interação crítica. Eles promovem tanto o desenvolvimento de habilidades específicas quanto a reflexão sobre a identidade e a prática docente. Ao valorizar a colaboração e o diálogo, esses espaços contribuem para uma formação mais completa e significativa, que complementa e potencializa o aprendizado convencional. As oficinas, portanto, não apenas enriquecem o repertório pedagógico dos docentes, como também estimulam a reflexão crítica sobre os processos de ensino e aprendizagem no contexto da educação musical. Assim, as oficinas formativas se afirmam como um recurso fundamental para a educação musical, facilitando o desenvolvimento profissional contínuo e a melhoria das práticas educacionais nas escolas.

Com base nessa compreensão, este artigo constitui um relato de experiência sobre a oficina "CRIAMUS: práticas e experiências musicais", realizada durante a 38ª Jornada Acadêmica Integrada (JAI) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em outubro de 2023. A oficina teve como foco o desenvolvimento de momentos de conversação e troca musical, incentivando a experimentação e a criatividade. Além disso, a oficina também destacou a importância do planejamento como ferramenta essencial para a organização e fluidez das atividades, garantindo que as práticas musicais e pedagógico-musicais em sala de aula fossem conduzidas com intencionalidade e fluidez. Nesse sentido, é relevante enfatizar como as oficinas podem se tornar espaços de inovação pedagógica, possibilitando até mesmo a criação de novas metodologias e abordagens de ensino musical que dialoguem com as subjetividades e necessidades atuais dos estudantes.

Oficinas formativas em educação musical

As práticas em espaços de formação não-formais têm se caracterizado como importante dispositivo educativo, graças à ênfase na prática e na experiência direta. Esses ambientes possibilitam vivências espontâneas e contextualizadas, focando na construção de conhecimentos mediados pelas experiências. Nesse contexto, “a educação não formal é

definida como aquela que acontece fora do sistema de ensino estruturado [...]. Os espaços de ensino não formais são locais que oferecem uma aprendizagem mais flexível dos conteúdos curriculares e que complementam a prática pedagógica” (Araújo et al, 2024, p. 6). No entanto, é importante reconhecer que estes espaços de aprendizagem não-formais não substituem os espaços formativos convencionais, mas os complementam, potencializam e trazem aberturas para novas discussões em torno da construção de conhecimentos.

Considerando estas reflexões, podemos compreender a oficina como um espaço não-formal importante à formação acadêmico-profissional de professores, especialistas e não-especialistas em música, sendo a partilha de saberes o elo mediador na construção de experiências. Neste sentido, as oficinas são “espaços de formação permeados pela partilha de experiências, práticas e discussões que podem suscitar reflexões e provocações aos participantes, baseando-se na exploração e no aprofundamento de conhecimentos, habilidades e práticas” (Lessing; Garbosa, 2023, p. 3). Nesse contexto, a partilha não se limita a um caminho de “transmissão” de informações, mas configura-se como um processo dialógico que valoriza as contribuições individuais e coletivas, criando aberturas para práticas significativas ligadas ao cotidiano docente.

De modo geral, as oficinas são organizadas e conduzidas por professores experientes em determinada área, compartilham metodologias, recursos didáticos, estratégias, proposições, relatos e saberes que orientam as discussões. No entanto, como se trata de um espaço que busca uma formação pautada nas experiências, o professor-ministrante não assume uma posição arbitrária, mas atua como mediador das relações cognitivas em um ambiente acolhedor e afetuoso, incentivando a participação ativa dos envolvidos.

A imersão teórico-prática contida nos espaços-tempos de uma oficina, contribui tanto para a formação acadêmico-profissional (Diniz-Pereira, 2008) quanto para formação continuada de professores, capacitando-os e incentivando-os a (re)pensar e expandir suas práticas nas escolas. Segundo Ferry (2004), uma oficina se constitui em dispositivo que dispara construções sobre si, ou seja, cria condições para que a formação aconteça. Contudo, o

sucesso desse processo depende também de outros fatores, como o envolvimento e a disposição dos participantes, e não apenas da estrutura da oficina em si.

Portanto, é importante salientar que a formação deve ser entendida como uma ação em que “o indivíduo se forma, é ele quem encontra sua forma, é ele quem se desenvolve, eu diria, de forma em forma. Então, o que quero dizer é que o sujeito se forma sozinho e por seus próprios meios” (Ferry, 2004, p.54). Também:

A formação de professores é entendida como um processo contínuo, permanente, o qual deve ocorrer ao longo da vida profissional, constituindo-se na dinâmica da formação inicial e da formação continuada. Os processos de formação para a docência também devem buscar a reflexão do professor sobre suas práticas cotidianas e a superação de limites (Bellochio; Garbosa, 2010, p. 249).

Embora ambientes como oficinas e outros espaços de aprendizagem ofereçam ferramentas, estímulos e suportes essenciais, o processo de formação é, em última análise, profundamente pessoal. O participante é o principal agente de seu desenvolvimento, responsável por integrar e consolidar as experiências vividas em sua prática docente.

No contexto da formação em educação musical, oficinas organizadas e promovidas por professores de música habilitados, são desenvolvidas como um meio de aprimorar os conhecimentos da área e habilidades intrínsecas ao processo de ensino musical, bem como abordar questões pedagógicas, didáticas e interdisciplinares. Essas oficinas são propostas para movimentar e impulsionar a formação dos professores da rede básica de ensino, pedagogos, especialistas e não-especialistas, de múltiplas áreas, além de todos aqueles interessados, visando a realização de práticas pedagógicas construtivas, expandido o repertório de atividades, conceitos, músicas, canções, técnicas e abordagens.

Para tanto, torna-se importante ressaltar que a música em sala de aula é de extrema relevância para o desenvolvimento integral e humano de crianças, adolescentes e jovens. Todavia, muitos professores não-especialistas se encontram em uma linha tênue entre “um que entende a importância, e outro que não sabe muito bem como trabalhar com questões que envolvem a educação musical” (Bellochio, 2005, p. 200). Portanto, a formação de

professores não-especialistas necessita ser repensada nesse contexto. Para os professores especialistas, especialmente os em início de carreira (Huberman, 1992, p. 33), o foco na busca por atividades, ações e formas de conduzir um trabalho musical de qualidade para seus estudantes, refletindo seus próprios anseios e dilemas na prática docente. Para outros, a formação continuada se torna um meio de atualização e reflexão sobre suas práticas. Em suma, tanto para os professores não-especialistas quanto para os especialistas, “a formação continuada aparece associada à ideia de promoção da melhoria da qualidade do ensino em sala de aula” (Bellochio; Garbosa, 2010, p. 249).

Para Nóvoa (1997, p.26), “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando”. Com base nesses princípios, entende-se que a oficina no contexto da educação musical é um espaço de formação, pois possibilita um ambiente de aprendizado dinâmico e colaborativo. Além de oferecer novas ideias de atuação, incentivam a troca de experiências, exploram e refletem sobre as práticas educacionais dos participantes. Esse processo de colaboração não apenas contribui no desenvolvimento de competências e autonomia dos professores, tanto em sala de aula quanto em outros contextos educacionais, mas também potencializa a construção coletiva do conhecimento.

O grupo como um dispositivo formador

Em diversos contextos, a interação social dentro de um grupo cria um ambiente rico para a troca de experiências e conhecimentos, potencializando o desenvolvimento de habilidades essenciais à experiência humana. As relações estabelecidas nos permitem não apenas aprender com a experiência do outro, mas também compartilhar as nossas próprias vivências em processos de reflexão coletiva, contribuindo na construção de saberes coletivos.

Ao trazer a potência do grupo para o contexto formativo, percebe-se que a formação envolve não só aquele que participa ativamente, que interage e absorve, mas também o que

partilha, reflete e cria. Dessa forma, “não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores” (Nóvoa, 2022, p. 62), uma vez que essa relação se fortalece por meio de ações de reciprocidade, colaboração e conjunção.

Para Nóvoa (1997, p.26), “a troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando”. Baseando-se nesses ideais, a oficina é compreendida como um espaço de formação coletiva, onde o grupo se torna a base sobre a qual os conhecimentos são construídos de maneira prática. Este ambiente dinâmico e colaborativo de aprendizado contribui no compartilhamento de novas ideias de atuação, incentiva a troca de experiências e propicia reflexões sobre suas práticas educacionais, visando construir um trabalho colaborativo entre os profissionais e, a partir da exploração criativa, desenvolver competências e autonomia na atuação tanto em sala de aula quanto fora dela.

Considerando que as oficinas formativas são mobilizadas, geralmente, em ambiências formativas não convencionais, elas proporcionam momentos que intercalam exposições e experiências, tanto com o objeto de estudo, quanto com os outros participantes. Nesse sentido, “para incorporar modos e perfis, são necessárias exposições de si e contato com a alteridade (o outro despertando diferença-em-nós)” (Ceccim; Carvalho; 2005, p. 90). Ou seja, tanto as experiências individuais quanto o contato com o diferente constituem elementos primordiais para impulsionar o desenvolvimento formativo. “Neste movimento ascende-se a oportunidade de ampliar e enriquecer o próprio conhecimento a partir da concepção do outro” (Lessing; Garbosa, 2024, p. 3). Os diferentes modos de ser, estar, pensar, compreender, assimilar e agir do outro convidam à reflexão, permitindo a integração de outros modos de ser docente à identidade pessoal. A partir disso, entendemos a potência do grupo como espaço formativo ao proporcionar reflexões não apenas sobre as dimensões individuais, mas também sobre as dimensões coletivas da formação e do ser docente. Assim, entendemos que:

A formação contínua não deve ser vista como um processo solitário, mas sim como uma construção coletiva, em que os docentes partilham saberes e experiências, discutem e refletem sobre suas práticas pedagógicas, promovendo o desenvolvimento profissional de todos e contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino (Nóvoa, 2018, p. 123).

Desta forma, incorporar uma perspectiva coletiva de construção implica uma mudança significativa na maneira como se entende a formação docente, que deixa de ser vista como uma imposição externa ou uma responsabilidade individual, para se tornar um processo de aprendizagem colaborativa, onde os professores atuam como sujeitos ativos e protagonistas de sua formação (Nóvoa, 2022). A dinâmica de grupo presente nas oficinas formativas pode trazer aberturas para se pensar essa mudança de perspectiva, no sentido de contribuir na construção de uma cultura cooperativa e solidária entre os professores, capaz de superar o isolamento profissional e valorizar o conhecimento construído a partir das experiências práticas compartilhadas.

A oficina: pensando estratégias pedagógico-musicais

A oficina "CRIAMUS: práticas e experiências musicais", foi ministrada durante a 38ª Jornada Acadêmica Integrada (JAI), no Laboratório de Educação Musical (LEM), localizado no Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em outubro de 2023. A oficina teve como objetivo desenvolver propostas musicais, possibilitando vivências enriquecedoras e significativas e potencializando a atuação docente de professores especialistas e não especialistas em música.

Ao mesmo tempo, teve como foco (re)pensar a educação musical na contemporaneidade, incentivando a criação de momentos de conversação e troca musicais por meio de experiências do fazer musical ativo, criativo e expressivo, envolvendo diferentes materiais/recursos, repertórios e abordagens pedagógicas.

A formação foi conduzida por três professoras-formadoras em música, estudantes de pós-graduação, sendo uma doutoranda e outras duas mestrandas, ambas em educação. É

importante salientar que este grupo vem desenvolvendo um intenso trabalho como ministrantes de oficinas, formações e palestras tanto para professores especialistas quanto não-especialistas em música. Este trabalho tem promovido aproximações, principalmente, entre as áreas educação musical e pedagogia (unidocência), possibilitando estratégias teórico-práticas para o fortalecimento de práticas musicais e pedagógico-musicais mais potentes nas escolas de educação básica.

A oficina contou com sete inscritos, dos quais cinco compareceram. Os participantes eram graduandos do curso de Pedagogia e Música-Licenciatura da UFSM. Alguns deles já haviam cursado as disciplinas de Educação Musical e Didática Musical, que são componentes curriculares dos cursos de Pedagogia e Música-Licenciatura, respectivamente. Cabe mencionar que:

Em universidades como a UFSM o trabalho com o ensino de Música para e com a Pedagogia vem, há quase 40 anos, se expandindo e consolidado, tendo como base ações de ensino, pesquisa e extensão que somam acadêmicos de cursos de graduação e pós-graduação em movimentos que enriquecem os processos formativos e desafiam as lógicas tradicionais de organização das matrizes curriculares. Este movimento colabora para a construção de conhecimentos primordiais ao ensino de Música e às práticas colaborativas nos espaços escolares (Lessing, Garbosa, 2023, p. 6-7).

Esse movimento integra a interdisciplinaridade na formação do futuro(a) pedagogo(a), evidenciando a importância das trocas formativas no contexto acadêmico. Desta maneira, colabora-se para a construção de um ambiente formativo dinâmico e inclusivo, incentivando práticas colaborativas que são essenciais para a formação integral dos profissionais da área de Educação. Deste modo, o momento inicial da oficina foi dedicado a uma roda de conversa, na qual ministrantes e participantes puderam se apresentar, compartilhar suas trajetórias de vida e formação, além de expressar expectativas no tocante à proposta que seria desenvolvida. Entendemos que “afeto, amorosidade e dialogicidade, são funções primárias para as práticas educativas humanizadoras” (Goelzer, 2014, p. 142).

Embora possam parecer simples, estes momentos de partilha são ricos em significados, pois representam uma conquista de espaços, começando dentro de nós mesmos. O ambiente, as pessoas presentes, os materiais, as palavras e os sentimentos iniciais emergentes contribuem para essa construção. Esses instantes também abrem caminho para a realização das atividades, com o diálogo servindo como um laço de identificação. Essas interações iniciais, mesmo que sutis, podem promover conexões entre os participantes, facilitando o engajamento e disposição à participação ativa.

Com um ambiente amistoso, iniciamos as proposições das atividades, contemplando diferentes etapas da educação básica, envolvendo percepção, experimentação, reprodução, manipulação, criação, movimento, entre outras, mobilizando conceitos musicais e extramusicais. É importante ressaltar que a realização das atividades foi acompanhada de momentos de reflexões sobre a ampliação e adaptação de possibilidades, discutindo a complexidade das propostas, os materiais utilizados e estabelecendo aproximações com a área de atuação/formação dos participantes.

De modo prático, as atividades foram organizadas contemplando conceitos, objetivos, atividades e repertório, levando em consideração a disponibilidade de áudios e/ou vídeos gratuitos, permitindo que os participantes acessassem os materiais. Para sistematizar estas informações, as professoras-formadoras elaboraram um material gráfico contendo os detalhes mencionados, além de Qr Codes que direcionam ao repertório utilizado em cada atividade. Escaneando o Qr Code abaixo, é possível ter acesso ao material e conferir a estruturação da proposta.

Figura 1: Qr Code de acesso ao material desenvolvido na oficina.



Fonte: Arquivos das professoras-ministrantes da oficina.

Figura 2: Foto dos participantes da oficina, juntamente com as professoras ministrantes



Fonte: Arquivos das professoras-ministrantes da oficina.

Pensando na organização e fluidez da oficina, o planejamento é um instrumento fundamental tanto ao professor/ministrante, quanto ao participante, agregando potência e clareza ao direcionamento orgânico das atividades. Nesse sentido, destacamos o planejamento como:

[...] um instrumento direcional de todo o processo educacional, pois estabelece e determina as grandes urgências, indica as prioridades básicas, ordena e determina todos os recursos e meios necessários para a consecução de grandes finalidades, metas e objetivos da educação. (Menegolla; Sant'anna, 2001, p.40 *apud* Castro; Tucunduva; Arns, 2008, p. 54).

Nesse sentido, podemos pensar o planejamento como um plano de ação que, além dos conceitos, considera as singularidades, requisitos, recursos utilizados, metodologias, abordagens, objetivos, entre outros elementos. Ele é visto como “uma etapa do processo de ensino e aprendizagem, [que permite] ao professor uma organização e estruturação das atividades a serem desenvolvidas em sala de forma coerente, dinâmica e articulada (Mengarda; Lessing; 2023, p. 4). Com isso em mente, a disponibilização de material durante a oficina

representa um incentivo à organização e ampliação de atividades musicais em sala de aula. Além disso, ao mostrar que mobilizar a música como área de conhecimento requer pesquisa, estudo e dedicação, enfatiza-se que práticas musicais devem ser planejadas com intencionalidade e não apenas como um elemento de apoio às outras áreas. O material elaborado, portanto, congrega ideias iniciais que podem e devem ser expandidas e adaptadas conforme o perfil e o interesse dos participantes e, posteriormente, dos estudantes atendidos (Lessing; Garbosa, 2023).

Contudo, o sentir-se movido a agir, ampliar e (re)pensar nasce da experimentação - do processo de afetar e ser afetado. Afetar-se. “Pode-se dizer, assim, que afetar e ser afetado são potências experimentadas no limite dos encontros consigo e com os outros” (Mansano, 2019, p. 3). Segundo Larrosa, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2002, p. 21). Pensando por este viés, a assimilação de conceitos é potencializada quando permitimos que a experiência atravesse o corpo - um corpo sensível, disposto a se transformar a partir da vivência. É por meio dessas experiências que nos sentimos inspirados e motivados a afetar outros com nossa prática, pautados no que vivenciamos de forma profunda e significativa.

A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos, dos mais próximos aos mais distantes da cultura musical dos alunos. Esse processo lhes possibilita vivenciar a música interrelacionada à diversidade e desenvolver saberes musicais fundamentais para sua inserção e participação crítica e ativa na sociedade (Brasil; 2017, p. 196).

Assim, a partilha de experiências e possibilidades transversalizou a oficina, alinhando-se ao objetivo balizador das práticas de possibilitar vivências enriquecedoras e significativas, com o intuito de potencializar a atuação docente de professores especialistas e não especialistas em música, com implicações diretas na construção de conhecimentos e reflexos para o contexto escolar (Lessing; Garbosa, 2023). Além disso, como um espaço formador em música, a oficina contribuiu nas aproximações e aberturas com outras áreas de conhecimento,

ampliando e colaborando com as discussões sobre a educação musical no contexto da formação de professores.

Reflexões a partir da experiência partilhada

No contexto das práticas formativas não-convencionais, as oficinas em educação musical se destacam como espaços de formação que incentivam a troca de vivências, a interação, e o diálogo crítico, favorecendo a construção e expansão de conhecimentos musicais e pedagógico-musicais. Esses ambientes proporcionam não apenas o desenvolvimento de habilidades específicas no que tange à área, mas também reflexões e discussões em torno dos modos de ser, da identidade e da prática docente.

As oficinas emergem como cenários de práticas colaborativas, direcionando os olhares tanto para as dimensões individuais quanto coletivas das experiências, tendo o grupo como base sobre a qual os conhecimentos são construídos de forma mais significativa. O grupo, nesse sentido, atua como um dispositivo formador que suscita aberturas para a troca de experiências e a partilha de saberes, apontando para a discussão de uma formação que parte de uma compreensão individual e avança para uma dimensão coletiva, criando espaços de conversação e cooperação.

Nessa perspectiva, é importante enfatizar que esses espaços não substituem a formação convencional, mas a complementam e potencializam as discussões a partir de um olhar teórico-prático que se aproxima da atuação docente. Assim, as oficinas se configuram como espaços de interação e experimentação que é tanto individual quanto coletivo, preparando os professores com um repertório de atividades para se pensar e potencializar sua ação pedagógica no que diz respeito à presença da música nas escolas.

Ante ao exposto, os resultados da oficina evidenciam que os participantes demonstraram grande apreço por atividades que permitiram uma participação ativa, promovendo a construção de conhecimentos de maneira prática. Nesse sentido, entendemos que as vivências práticas intensificam a compreensão teórica de uma forma mais eficaz e

potente. Além disso, essas experiências reforçam a importância da música no contexto escolar, fundamentadas nos sentimentos e percepções resultantes da própria experiência. O ambiente colaborativo, mediado pelo diálogo e pela troca de saberes, também contribuiu para tornar a experiência mais agradável e envolvente. A estruturação das práticas com conceitos claros, objetivos definidos e descrição detalhada das atividades, permitiu aos participantes a aquisição de um planejamento organizado e intencional, apoiado em um repertório musical diversificado e no uso de materiais alternativos.

É importante salientar que, durante o desenvolvimento da oficina, identificamos alguns pontos para serem reestruturados em futuras práticas. Entre eles, a diversidade de perfis dos participantes, com diferentes níveis de experiência, expectativas e formação musical, exigiu constantes adaptações para garantir o engajamento e a participação ativa de todos. Além disso, a limitação de tempo acentuou a fragmentação dos processos de desenvolvimento de atividades mais aprofundadas, restringindo a exploração de algumas práticas e discussões. Essas questões sugerem a flexibilização do cronograma, com a possibilidade de um acompanhamento contínuo, para além do momento das oficinas, talvez por meio de um grupo permanente de formação musical e/ou pedagógico-musical.

Por fim, é essencial reconhecer que a formação docente é um processo contínuo e pessoal, no qual cada professor deve assumir o protagonismo do seu desenvolvimento. A oficina se mostrou ferramenta valiosa para esse percurso, mas é o compromisso do participante com sua prática que determinará o impacto dessas experiências em sua trajetória profissional. Assim, destaca-se a importância de integrar essas práticas formativas na construção de uma educação musical que seja ao mesmo tempo crítica, ativa e reflexiva, além de profundamente enraizada nas vivências, experiências e necessidades dos profissionais da educação.

Referências

ARAÚJO, Fábio José; DAMASCENO, Edilson; SILVA, Sindinéia da; JÚNIOR; Hermócrates Gomes Melo; OLIVEIRA, Patrícia da Silva; LIMA, José Jairo Santos; NARCISO, Rodi; SÁ, Naianny Costa. Espaços de aprendizagem na educação informal: análise de ambientes não formais como catalisadores do processo de aprendizagem. *Revista Contemporânea*, v. 4, n. 2, 2024. ISSN 2447-0961

BELLOCHIO, Cláudia. Formação de professores e práticas educativas em educação musical: transformando o existente e gerando alternativas. In: BEYER, Esther Sulzbacher Wondracek (org.). *O som e a criatividade: reflexões sobre experiências musicais*. Santa Maria: editoraufsm, 2005. p. 199-219.

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. Educação musical na formação inicial e continuada de professores: projetos compartilhados do Laboratório de Educação Musical - LEM - UFSM/RS. *Cadernos de Educação*, Pelotas, 37, p. 247-272, set./dez. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. 2017.

CASTRO, Patricia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa; ARNS, Elaine Mandelli. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. *Revista científica de educação: Athena*, 2008. Disponível em:
<https://www.unioeste.br/portal/arquivos/pibid/docs/leituras/A%20import%C3%83%C2%A2ncia%20do%20planejamento%20das%20aulas%20para%20organiza%C3%83%C2%A7%C%83%C2%A3o%20do%20trabalho%20do%20professor%20em%20sua%20pr%C3%83%C2%A1tica%20docente.pdf>. Acesso em: 09 ago 2024.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO, Yara M. Ensino da saúde como projeto da integralidade: a educação dos profissionais de saúde no SUS. In: PINHEIRO, Roseni; CECCIM, Ricardo Burg; MATTOS, Ruben A. (Orgs.). *Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde*. Rio de Janeiro: IMS/Uerj; Cepesc; Abrasco, 2005. p. 69-92.

DINIZ-PEREIRA, J. A formação acadêmico-profissional: compartilhando responsabilidades entre universidades e escolas. In: EGGERT, E. et al. *Trajetória e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008. P.253-266.

FERRY, Gilles. *Pedagogia de la formación*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2004.

GOELZER, J. *O diálogo e a afetividade no contexto da educação infantil: as pessoas grandes dizendo a sua palavra*. Rio Grande do Sul, 2014.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antonio. *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1992. p. 31-61. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4955745/mod_resource/content/1/Huberman-m-o-ciclo-de-vida-profissional-.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, vol.19, 2002.

MANSANO, S. Afetar e ser afetado. *Encontro Nacional de Saúde, Cultura e Arte-MCA*, v. 8, n. 2, 13 mar. 2019.

MENGARDA, Beatrís Schmidt Faraco; LESSING, Thaynara Lima. *Formação continuada e saberes experienciais: reflexões acerca do planejamento criativo em aulas de música*. XVI ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL da UNICAMP. Maio, 2023.

NÓVOA, Antonio. Os professores e sua formação. Portugal: *Dom Quixote*, 1997.

NÓVOA, Antonio. (2018). Formação contínua de professores: desafios e perspectivas. *Revista Portuguesa de Educação*, 31(1), 119-132.

NÓVOA, Antonio. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. In: NÓVOA, Antonio; ALVIM, Yara. *Escolas e professores proteger, transformar, valorizar*. Bahia: Instituto Anísio Teixeira, 2022. p. 55-73.

LESSING, Thaynara Lima; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas. *Círculos de formação em Música: breve relato de experiência*. In: XXVI CONGRESSO NACIONAL DA ABEM. Ouro Preto/MG. Anais. Disponível em: <[1518-7081-1-PB.pdf \(abem.mus.br\)](#)>. Acesso em: 08 ago. 2024.